



TORCIDAS DE FUTEBOL NO FACEBOOK: MARCADORES NORMATIVOS DE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Alison Rodrigues Soares¹
Luiz Felipe Zago²

Resumo

Este trabalho analisa como os marcadores de gênero e sexualidade são construídos em postagens de fanpages de torcidas de futebol do Grêmio e do Internacional no Facebook. Observando as fanpages oficiais e também as antifascistas, mostra-se como ambas produzem marcadores de gênero e sexualidade nas suas publicações. É possível perceber certa normatividade em algumas postagens das torcidas organizadas oficiais, que desvaloriza um possível papel das “minorias” no futebol. Ainda, sugere-se que a comunicação das torcidas antifascistas é um contraponto às torcidas tradicionais: elas trazem faixas nas arquibancadas enaltecendo a presença das mulheres e de LGBTs no futebol e publicam notícias em suas fanpages sempre enfatizando a importância desses grupos para uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: Futebol; Comunicação; Norma; Política.

INTRODUÇÃO

O conjunto destas análises é uma continuidade de um processo de pesquisa de Iniciação Científica³ em andamento sobre as estratégias de comunicação de torcidas organizadas antifascistas no Facebook. Este trabalho busca especificamente analisar como os marcadores de gênero e sexualidade são construídos por meio de postagens de fanpages de torcidas de futebol na rede social Facebook. Para tanto, foram selecionadas as fanpages de duas das torcidas oficiais da dupla Gre-Nal – Grêmio de Foot-Ball Porto-alegrense e Sport Club Internacional –, que são respectivamente a Geral do Grêmio e a Guarda Popular, além de suas contrapartidas antifascistas, que são as fanpages Tribuna 77 e Inter Antifascista. As duas primeiras fanpages foram selecionadas porque referem-se às torcidas organizadas mais expressivas de Grêmio e Internacional no Facebook: a Geral do Grêmio apresenta cerca de 550 mil curtidas e a Guarda Popular mais de 70 mil curtidas. Nas postagens das fanpages

¹ Graduando em Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil. alisonrodrigues@hotmail.com.br.

² Doutor e Mestre em Educação pela UFRGS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. luizfelipezago@ulbra.edu.br.

³ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS.

antifascistas dos mesmos times pode-se verificar contestações de vários marcadores normativos, como os de gênero e sexualidade, naturalizados entre as torcidas oficiais – pelo menos a partir de suas postagens na rede social. Os clubes que essas torcidas representam foram escolhidos por serem os times de futebol mais expressivos da região sul e representarem 6% de todos os torcedores de futebol do Brasil (DATAFOLHA, 2018).

METODOLOGIA

Foram selecionadas quatro postagens publicadas nas quatro fanpages entre fevereiro de 2016 e setembro de 2017. Além dessas, outras postagens também serão citadas para ilustrar situações específicas, sem necessariamente comporem o material analítico deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o período delimitado, duas publicações das torcidas oficial e antifascista do Grêmio conversaram entre si: ambas tematizam um caso envolvendo o narrador da Rádio Gaúcha, Pedro Ernesto Denardin, que usou palavras homofóbicas quando se referiu ao então jogador de saída do Grêmio, Miller Bolaños, chamando-o de “ruim e veado”. O acontecimento teve abordagens distintas nas publicações das fanpages oficial e antifascista do Grêmio: enquanto a Geral do Grêmio postou apenas uma notícia no qual o título é “Narrador faz comentário indevido sobre ex-jogador, mas se retrata”, a página Grêmio Antifascista fez postagem com duras críticas a Denardin sobre as ofensas homofóbicas, argumentando que tais declarações vindas de um comunicador influente só prejudicaria o universo do futebol, já extremamente machista e homofóbico.

Os exemplos que foram selecionados para comparação das torcidas do Internacional não apresentam um fato em comum; porém, mantêm articulação devido a outros aspectos. A página da Guarda Popular costuma postar vídeos da torcida entoando cânticos no estádio; em uma publicação específica, a torcida canta uma música cujo verso diz que ali “não é o putto do Grêmio, é o rolo compressor” apresentando, assim, um menosprezo a quem não é heterossexual tratando quem é “putto” como alguém menor do que eles, os que torcem para o rolo compressor⁴. Já a página do Inter Antifascista publica uma antítese dessa cena falando da importância da pioneira torcida gay do Grêmio, a Coligay, defendendo que de nada adiantaria criticar atos de racismo na torcida do rival disseminando preconceitos sexistas.

⁴ Rolo compressor foi o apelido do time do Internacional da década de 1940 e nessa época que a hegemonia colorada em clássicos Grenais foi consolidada

O futebol sempre foi tido como um esporte masculino, e essa ideia ainda persiste. No entanto, marcador masculino não é algo recente no futebol e não pode ser associado apenas às torcidas organizadas oficiais⁵. O marcador masculinizante do futebol é algo impregnado na cultura do futebol desde muito tempo. Roberto DaMatta, em um estudo sociológico do futebol brasileiro até o começo da década de 1980 (DAMATTA, 1982), mostra como o futebol é interligado à sociedade como a religião e as artes sendo, assim, algo que não se desliga dela – por mais que haja desde muito tempo uma ideia de futebol, a religião e as artes sejam como um “ópio” para o povo. DaMatta afirma que há na vitória um delírio coletivo centrado na vitalidade que por sua vez está muito associado à exibição de atributos masculinos agressivos:

A vitória de 70 desencadeou a euforia, o delírio e a exibição em escala nacional. Na cultura popular de raízes mediterrânicas, a vitalidade está associada à potência sexual, valor básico de um ethos centrado na afirmação da masculinidade, pela exibição agressiva dos seus atributos. Não admira, pois, a relação da vitória com o ritual da vida e do sexo - o Carnaval. (DAMATTA, 1982, p. 113 e 114).

Por mais que DaMatta tenha usado como exemplo a euforia da vitória brasileira da Copa do Mundo de 1970, é observável como essa “vitalidade associada à potência sexual” está ainda presente nos cânticos homofóbicos e machistas presentes nas arquibancadas e endossados pelas torcidas organizadas oficiais. Há também como se afirmar que há uma heteronorma no meio do futebol utilizando desses mesmos vieses citados – são colocados como inferiores nos cânticos, há uma insegurança em se colocar como homossexual nos estádios e há uma invisibilidade da presença não-heteronormativa no esporte bretão. A heteronorma seria um regime que condiciona a vida e o comportamento das pessoas de uma forma geral, impelindo-as a participarem de uma norma heterossexual (ZAGO, 2014).

Pode-se sugerir que as fanpages das torcidas oficiais dos dois times em diversos casos reforçam essa heteronorma. Um exemplo notório disso vem outra vez da Geral do Grêmio que em sua fanpage oficial publicou uma promoção patrocinada por uma boate de Porto Alegre, a Carmen’s Club, conhecida pela frequência de profissionais do sexo. A promoção, divulgada pela fanpage da torcida oficial do Grêmio, consistia em convidar seus seguidores (supostamente homens heterossexuais) a tirarem um print da tela e apresentarem o print na boate em troca de duas bebidas na boate. Uma das bebidas seria para o dono do print e a outra para a profissional do sexo escolhida por ele. Isso mostra uma condescendência da torcida, por aceitar um patrocínio de uma boate nesses moldes, de que a mulher é um produto

⁵ A Geral do Grêmio tem sua fundação em 2001, enquanto a Guarda Popular é fundada em 2004. O exemplo subsequente no texto mostra como marcadores ligados à heterossexualidade vem de antes disso.

consumível e passível de promoção – além, é claro, de supor a heterossexualidade compulsória de seus seguidores.

No entanto, a heteronorma presente nas torcidas organizadas oficiais e o modo de torcer apresentado por DaMatta são combatidos dentro dos estádios e também nas redes sociais. Atualmente, o papel desse contraponto vem sendo desempenhado pelas torcidas organizadas antifascistas dos diversos times de futebol. É importante resgatar que há registro de contrariedade à heteronorma nos estádios brasileiros desde o final da década de 1970, quando a já citada torcida Coligay, de fãs homossexuais do Grêmio, se pôs como resistência e ocupou um espaço de representatividade que até então não existira – à época as arquibancadas do Estádio Olímpico (GERCHMANN, 2014). Na contemporaneidade, as torcidas antifascistas fazem esse papel e isso é visível nos modos como elas comunicam por meio das redes sociais (CASTELLS, 2017): exibindo faixas nas arquibancadas enaltecendo a presença das mulheres e de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros – LGBTs – nos estádios e no futebol, publicando postagens nas redes sociais defendendo a importância desses grupos para uma sociedade mais igualitária, fomentando os departamentos de futebol feminino de seus respectivos clubes, por exemplo. Trata-se de uma postura assumidamente contrária às perspectivas defendidas em muitas postagens das fanpages das torcidas oficiais citadas aqui anteriormente. Vale também salientar que a comunicação das torcidas organizadas antifascistas utilizam de métodos particulares de mídias radicais alternativas (DOWNING, 2004) para disseminar informações de seus interesses como, por exemplo, divulgação de ações das torcidas nas ruas e nas arquibancadas, compartilhamento de informações que não costumam ser manchete nas mídias tradicionais, e outros elementos que as fazem mídias alternativas para quem quer informações de um outro futebol possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esses dados apresentados até aqui é possível inferir que as torcidas organizadas oficiais e as antifascistas apresentam diferentes abordagens sobre como o futebol deve ser vivido e também como seus seguidores, torcedores dos respectivos times, devem respeitar questões de gênero, corpo e sexualidade. O movimento antifascista no futebol do Rio Grande do Sul mostra como a trajetória dos movimentos feministas e LGBT causa impacto em esferas públicas além do seu ciclo de relacionamento: o pensamento de liberdade de gênero, de corpo e de sexualidade ocupa cada vez mais espaços marcados historicamente pelo domínio do homem branco, heterossexual e cis gênero. O futebol é um exemplo desse espaço intolerante. Isso faz com que tais torcidas antifascistas tragam diferentes informações sobre os clubes que

torcem e ocupem os ambientes on-line e off-line de formas diferenciadas, sendo a intenção das torcidas antifascistas mudar a sociedade por meio do esporte.

REFERÊNCIAS:

DOWNING, John. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunidades e movimentos sociais. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Redes da Indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2017

DAMATTA, Roberto e outros. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982

ZAGO, Luiz Felipe. Quando a norma range dos dentes: corpo, norma e transgressão. **Revista Textura**, vol. 16, n. 31, 140-155. 2014.

GERCHMANN, Leo. **Coligay**: tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014

DATAFOLHA. Futebol e Copa do mundo: Disponível em:

<<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/04/13/f21c6daf5d8b98f2a94089505961847f6576d01a.pdf>>. Acesso no dia 17 de maio de 2018.